

Construções com três participantes em Nheengatu oitocentista

Three-participant constructions in 19th century Nheengatu

*Aline da Cruz**, *Deuseni Miranda de Farias**

**Universidade Federal de Goiás (UFG)*

Resumo: Este trabalho tem como objetivo examinar as construções com três participantes em documentos do século XIX que registram o Nheengatu, tradicionalmente conhecido como Língua Geral Amazônica, que teria se desenvolvido na região a partir das mudanças sintáticas a que foram submetidas o Tupinambá desde o século XVII. De acordo com Cruz (2014), em construções com três participantes em Nheengatu atual, há uma cisão na forma de marcação de recipientes e beneficiários extralocutivos e intralocutivos ao discurso. Trata-se de uma inovação do Nheengatu, uma vez que não havia tal cisão no Tupinambá. Neste trabalho, após uma breve abordagem da história do Nheengatu, analisa-se a obra *Poranduba Amazonense* de Barbosa Rodrigues (1890), para verificar a forma e função das construções com três participantes no Nheengatu registrado no século XIX. A partir da análise, constatou-se que a referida cisão na marcação do terceiro participante estava em variação no século XIX.

Palavras-chave: Construções com três participantes. Caso dativo. Língua Geral Amazônica. Nheengatu. Tupinambá.

Abstract: The aim of this paper is to analyze the three participant constructions in 19th century Nheengatu, as registered in Barbosa Rodrigues' narrative collection (1890). Nheengatu, as called 'língua geral amazônica', emerged from the grammatical development suffered by Tupinambá (Tupi-Guarani, subgroup III), in intense contact situation since it was used in the colonial period as the main language for administrative and religious purposes. Our diachronic analysis shows that in 19th century, the expression of the intralocutive receivers and beneficiaries could occur by the use of the postposition *supé*, the most conservative form, or by the use of a subordinator *arama*, an innovation of 19th century Nheengatu. These 19th century variation is the source of the split in three participant constructions found in 21st Nheengatu (CRUZ, 2014).

Keywords: Dative case marker. Indigenous languages. Tupi-Guarani languages. Nheengatu.

Introdução

A documentação das línguas indígenas brasileiras contribui para o resgate de nossa história e leva à consciência da importância da diversidade linguística no cenário cultural e social brasileiro. Além da descrição e análise, muitos estudos são utilizados em prol de um trabalho de conscientização no sentido de valorizar a diversidade cultural dos povos indígenas do Brasil. Como explica Rodrigues (1986, p. 17):

Os índios do Brasil não são um povo: são muitos povos, diferentes de nós e diferentes entre si. Cada qual tem usos e costumes próprios, com habilidades tecnológicas, atitudes estéticas, crenças religiosas, organização social e filosofia peculiares, [...]. E distinguem-se também de nós e entre si por falarem diferentes línguas.

Os esforços em documentar as línguas indígenas brasileiras começaram ainda no século XVI com a publicação da *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*, obra de Anchieta (1595), que registra o Tupinambá, da família Tupi-Guarani. Por ser uma língua com uso observado em grande extensão territorial ao longo da costa litorânea, o Tupinambá foi utilizado pelos colonizadores como língua de comunicação interétnica para fins de catequização e administração. Desse modo, tornou-se a base para a chamada Língua Geral Amazônica. Segundo Rodrigues (1996), foram registradas no Brasil pelo menos duas línguas gerais: a paulista, que teria sido extinta no final do século XVIII, e a amazônica, que se expandiu pela região de Pará e Amazonas, sendo ainda falada no noroeste amazônico, onde é conhecida como Nheengatu.

Por conta de sua importância para o processo de colonização, diversas fases de evolução gramatical da Língua Geral Amazônica foram registradas desde o século XVI. Dessa forma, essa documentação de cinco séculos de desenvolvimento da língua oferece aos estudiosos uma oportunidade única de compreender os mecanismos das transformações linguísticas ocorridas em uma língua indígena brasileira em contato com outras línguas indígenas, gradativamente substituídas pelas línguas gerais e pelo português.

Este artigo propõe analisar as construções com três participantes, prototipicamente representadas por construções com os verbos *meen* ('dar') e *nheen* ('dizer'), na variedade de Nheengatu registrada no século XIX por Barbosa Rodrigues (1890). Secundariamente, contrasta-se a construção oitocentista com as construções cognatas em Tupinambá do século XVI e em Nheengatu do século XXI.

Propõe-se que a diferença estrutural entre as construções com três participantes no

Tupinambá registrado no século XVI e o Nheengatu atual, tal como registrado por Cruz (2014), estejam correlacionadas ao grande afluxo de migrantes, particularmente nordestinos, à região amazônica no século XIX, que estabeleceu uma situação de intenso contato entre o Nheengatu falado no Rio Negro e o português

Para tanto, comparam-se as construções com três participantes em três fases da evolução da língua: (a) século XVI, período inicial do contato com o português, quando a língua ainda era conhecida como Tupinambá; (b) século XIX, período em que a língua já havia passado por mudanças estruturais profundas, e em que a língua passa a ser conhecida como Nheengatu; e, por fim, (c) século XXI, fase atual de desenvolvimento da língua.

1 O registro das variedades oitocentistas de Nheengatu

Nesta pesquisa, foi analisada, como fonte para obtenção do corpus linguístico de dados do Nheengatu do século XIX, a coletânea de narrativas indígenas *Poranduba Amazonense* (1890), organizada por João Barbosa Rodrigues, engenheiro e naturalista que viveu no Amazonas em dois momentos diferentes, totalizando um pouco mais de dez anos. Segundo Bessa Freire (2004), no período em que viveu na Amazônia, o autor fez importantes contribuições para o conhecimento de línguas e culturas indígenas da região e para o campo da etimologia, com registros históricos de uma língua em constante transformação. Entre suas obras mais importantes, encontra-se o *Poranduba Amazonense* ou *Kochiyima-uara Porandub*. Trata-se de uma obra destinada a um público amplo, em que o autor disponibiliza uma coletânea de lendas mitológicas, contos zoológicos, astronômicos e botânicos e canções do folclore indígena, escritos em Nheengatu, Língua Geral Amazônica, com a descrição das modificações linguísticas do idioma, de forma crítica e comparativa. O autor apresenta seu objetivo e justificativa ao registrar aquela variedade da língua:

Quiz em todo o texto das lendas e contos acompanhar a sua dicção, como usualmente é fallada, pelos vocabulos do abanheenga correspondentes, apresentando logo a correccção com a orthographia, mas achei trabalho superfluo, pensando ser mais vantajoso apresentar um vocabulario, porque com o seu jogo se acharão as correccções e a fonte d'onde se originaram os vocabulos do nheengatu¹. (BARBOSA RODRIGUES, 1890, Advertência, p. XIV).

¹ Neste trabalho, as citações diretas da bibliografia do século XIX são transcritas conforme os originais da época.

A coletânea foi registrada em material impresso, contendo 334 páginas, sem ilustrações, com descrição do folclore indígena e costumes locais, com explicação de termos específicos, de natureza indígena. As narrativas são apresentadas em Nheengatu, com tradução interlinear para o português. Ao final de cada narrativa, o autor apresenta uma tradução livre, conforme ilustrado na figura 1, a seguir. O objetivo do autor era o de compilar a variedade linguística que o idioma apresentava naquela época.

Figura 1: Reprodução do livro *Poranduba Amazonense* (BARBOSA RODRIGUES, 1890, p. 133)

IV
YURUPARI CURUMI IRUMO
O Yurupari o menino e
(RIO SOLIMÕES)

Yepé cunhan, paá, u quire taira irumo i quiçaua pupé.
Uma mulher, contam, dormia o filho com d'ella rede na
Yurupari, paá, u çu u iuúca cunhan iuá çuhy i membira
Yurupari, dizem, foi tirar mulher braço do seu filho
u imu quiçaua uirpe. Ariri, paá, u nhehê taira manha çupé.
póz rede de baixo. Depois, dizem, fallou o filho mãe á
— Manha! Manha! U chipiá Yurupari yané uirpe unhenu
— Mãe! Mãe! Espia Yurupari nós debaixo deitado
u icó!...
está!...

Ariri, paá, cunhan u pececa muiiraçanga u nupá i membira.
Depois, dizem, a mulher pegou cacete bateu seu filho.
Aramé, paá, Yurupari u pure u nhehê.
Então, dizem, Yurupari saltou fallando.
— Cha ganane! Cha ganane!...
— Eu enganei! Eu enganei!...
— Unhana, u çu ana.
— Correu, e foi-se embora.

TRADUÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

Contam que dormia na sua rede uma mulher com seu filho.
O Yurupari tirou dos braços d'ella o filho e pol-o debaixo da rede.
Dizem que o filho depois disse á mãe:
— Mãe! Mãe! Espia o Yurupari que está deitado debaixo de nós?
Dizem que depois a mulher pegou em um cacete e bateu o filho.
O Yurupari então saltou dizendo:
— Enganei! enganei!...
Correu e foi-se embora.

Fonte: Biblioteca Digital Curt Nimuendaju. Disponível em: http://www.etnolinguistica.org/local--files/biblio:rodrigues-1890-poranduba/rodrigues_1890_poranduba.pdf.

O registro escrito das narrativas em Nheengatu pode ser compreendido como uma tentativa de resgate de aspectos da cultura dos falantes de língua geral no interior do Brasil, mais especificamente no Pará e Amazonas, e das modificações pelas quais a língua vinha passando naquele período. Ainda segundo o autor, a coletânea de narrativas procurou dar conta da variação linguística presente na bacia amazônica:

Os contos e as cantigas foram “stenographadas² como dos lábios dos contadores sahiram, com a orthographia vulgarmente usada e com as diferentes pronúncias do Valle Amazônico” (BARBOSA RODRIGUES, 1890, p. V).

Para análise dos documentos bibliográficos, este trabalho apresenta dados que demonstram as ocorrências de construções com três participantes. As construções estão acompanhadas da tradução do autor, que indica uma análise acerca da estrutura da língua em situações reais de uso, na variedade utilizada no século XIX.

2 A expressão do terceiro participante

Nesta seção, objetiva-se delinear os aspectos gramaticais da expressão de construções com três participantes em algumas línguas, em 2.1, como base para, em 2.2, descrever sua manifestação em Nheengatu oitocentista.

2.1 Aspectos tipológicos da expressão de construções com três participantes

Os estudos dos fenômenos sobre transitividade tratam da capacidade que o sistema linguístico tem de abrir vagas para serem preenchidas pelo número de argumentos exigidos, o que envolve a noção de valência (CASSEB-GALVÃO, 2013).

Dentre os estudos sobre a transitividade, este trabalho focaliza a questão das construções com três participantes. Em algumas línguas, como o português, verbos como ‘dar’ selecionam três argumentos, como ilustrado em (1a), em que ‘a mulher’ ocorre como sujeito que recebe o papel temático de AGENTE; ‘beiju’, como complemento que recebe o papel temático de TEMA (ou paciente); e ‘o Curupira’ ocorre como complemento que recebe o papel temático de RECIPIENTE. Um dos testes possíveis para verificar que o Curupira ocorre como argumento, e não como adjunto, é o fato de essa expressão poder ser substituída por um pronome, como ocorre em (1b). Em português, o verbo ‘dar’ permite, portanto, criar construções bitransitivas, ou seja, orações que possuem dois argumentos internos, além do sujeito (MALCHUKOV, HASPELMATH e COMRIE, 2007). Note que

² “Etenographada”: escrita com abreviaturas com a finalidade de ser tão rápida quanto à fala. In *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. [Consultado em 18 jan. 2016].

verbos bitransitivos como ‘dar’ possuem comportamento sintático diferente de verbos transitivos como ‘assar’. No par de exemplos em (2), observe que o verbo ‘assar’ não permite que um terceiro participante seja expresso como argumento, mas apenas como adjunto. Em (2b) a pronominalização é agramatical, indicando que em (2a) ‘Curupira’ ocorre como adjunto. Em termos de papéis temáticos, ‘Curupira’ é caracterizado como um RECIPIENTE em (1a) e como BENEFACTIVO em (2a).

(1a) A mulher deu beiju para o Curupira.

(1b) A mulher deu-lhe beiju.

(2a) A velha assou beiju para o Curupira.

(2b) *A velha lhe assou beiju.

Em Tupinambá, assim como observado em outras línguas Tupi-Guarani, não há verbos bitransitivos. Com base nos dados disponibilizados por Anchieta (1595), um verbo como *meeng* (‘dar’) apresenta apenas dois argumentos: sujeito e objeto, que expressam semanticamente os papéis temáticos de PROTO-AGENTE e PROTO-PACIENTE, respectivamente. O papel temático RECIPIENTE não é marcado na estrutura argumental, e ocorre apenas opcionalmente como adjunto. O enunciado em (3), registrado por Anchieta (1595), apresenta apenas o sujeito, expresso pelo SN ‘Pedro’ com marca de concordância no verbo, e o objeto, expresso pelo SN *xe-pindà-rãma* ‘o que será meus anzóis’. Observe que semanticamente, é possível inferir que o enunciador tenha recebido os anzóis, devido ao uso da forma *rãma*, forma nominal que indica que os anzóis passaram a ser do enunciador: *xe-pindà-rãma* ‘o que passou a ser meus anzóis’³.

(3) *Pedro o-meêng xe-pindà-rãma*
 Pedro 3.A-dar 1SG.NA-anzol-PROSP
 Pedro me deu meus anzóis (Lit.: Pedro me deu o que (passou a ser) meus anzóis’)
 (ANCHIETA, 1595, p. 33, glosa e tradução literal acrescentada).⁴

No Tupinambá, adjuntos que indicam o RECIPIENTE de verbos como *meeng* (‘dar’) e seus BENEFACTIVOS são indicados pela posposição *supe*, posposição que pode se combinar com prefixo de terceira pessoa série não-ativa (série II na terminologia de RODRIGUES, 1996) e com sintagmas nominais plenos, como ocorre no exemplo em (4),

³ Para uma discussão a respeito das marcas de aspecto prospectivo em nomes, ver Cruz (2016).

⁴ Nos dados linguísticos, mantém-se a grafia original.

registrado por Figueira (1621, p. 4). Para a indicação de participantes intralocutivos, o Tupinambá disponibilizava as formas *xebe* ‘1 singular’, *endebe* ‘2 singular’, *orébe* ‘1 inclusivo’, *yandébe* ‘1 exclusivo’, *peeme* ‘2pl’ (ANCHIETA, 1595, p. 12). Anchieta explicitamente indica a agramaticalidade da combinação de pronomes pessoais intralocutivos com *supe*. Em suas palavras, “Não se diz, xeçupe” (Anchieta 1995: 15v). É possível, no entanto, que *xebe* ocorra por síncope: *ixe supe* > *xebe*; *yande supe* > *yandébe*.

(4) *Enheeng derubapé ~ Enheeng derubaçupé.*

“Falla a teu pay” (FIGUEIRA, 1621, p. 4)

No Nheengatu falado atualmente no Alto Rio Negro, a forma *supe* mantém sua função de expressar participantes extralocutivos, podendo ser combinada com prefixo de terceira pessoa série não-ativa, em (5), e com sintagmas nominais plenos, em (6). As formas especializadas na marcação de participantes intralocutivos, como *xebe*, por exemplo, desapareceram.

Para a marcação de participantes intralocutivos, o Nheengatu exige a combinação de pronomes pessoais livres com o subordinador de finalidade *arã*, como exemplificado em (7) e (8). Para Cruz (2014), a combinação de *arã* com pronomes pessoais livres é possível porque em Nheengatu, como comumente ocorre em línguas Tupi-Guarani, nomes podem ocorrer como predicado.

(5) *a-meẽ ta-supe tata*
1SG.A-dar 3PL.A-DAT fogo
‘Dei-lhes fogo’ (CRUZ, 2014, p. 271)

(6) *ta-meẽ meyu waimĩ supe*
3PL.A-dar beiju velha DAT
‘Deram beiju para a velha.’ (CRUZ, 2014, p. 272)

(7) *re-meẽ=re x=arã kua taina*
2SG.A-dar=IMP 1SG=SUB DEM criança
‘Me dê ainda esta criança.’ (CRUZ 2014, p. 273)

(8) *nhaã istoria a-mbeu penh=arã*
DEM história 1SG.A-contar vocês=SUB
‘Aquela história, conto para vocês.’ (CRUZ, 2014, p. 276)

Segundo Cruz (2014), a forma *arã* é cognata à forma nominal utilizada para indicar o aspecto nominal de prospectivo encontrada no Tupinambá. Tal forma gramaticalizou-se em Nheengatu como um subordinador de finalidade, que ocorre tanto com predicados verbais, em (9), quanto com predicados nominais, em (10).

- (9) *kui a-mbeu [re-sendu=arã]*
 agora 1SG.A-contar 2SG.A-escutar=SUB
 ‘Agora conto para você escutar’. (CRUZ 2014, p. 270)

- (10) *a-yutima se-iwa asui a-yuka se-rimiara=rã*
 1SG.A-plantar 1SG.NA-fruta CONJ 1SG.A-tirar 1SG.NA-comida=SUB
 ‘Planto minha fruta e depois retiro para ser minha comida.’ (CRUZ 2014, p. 270)

Cruz (2014) descreve ainda construções em que a posposição *supe* ocorre juntamente com o subordinador de finalidade *arã*, como exemplificado em (11) e (12). Para explicar esses casos, a autora levanta a hipótese de que a manifestação dos dois termos juntos pode representar discursivamente uma expectativa em relação a eventos futuros.

- (11) *ya-mbeu tuxawa supe arã*
 1PL.A-contar cacique DAT SUB
 ‘Contamos para o cacique.’ (e há expectativa de que o cacique tome uma providência a respeito) (CRUZ, 2014, p. 278)

- (12) *tau-munhã kaxiri xupe arã an*
 3PL.A-fazer cachiri 3SG.NA:DAT SUB
 ‘Eles fizeram cachiri para ele [Jurupari].’ (e há uma expectativa de que algo aconteça. Caso a entidade mítica fique bêbada, será mais fácil matá-la). (CRUZ, 2014, p. 278)

Neste trabalho, busca-se compreender como o Nheengatu do século XXI se desenvolveu. Quais foram os processos de mudanças que geraram as diferenças estruturais entre o Tupinambá do século XVI e o Nheengatu atual? Ademais, questiona-se se esses processos de mudança teriam sido acelerados, ou pelo menos facilitados, por contato linguístico de longa duração com o português. Para responder essas perguntas, na próxima seção, propõe-se uma investigação das construções com três participantes em Nheengatu do século XIX, a partir dos dados registrados por Barbosa Rodrigues (1890) em *Poranduba Amazonense*.

2.2 Construções com três participantes em Nheengatu oitocentista

Nesta seção, analisam-se as construções com três participantes no Nheengatu do século XIX, em dados registrados por Barbosa Rodrigues (1890). Assim como ocorria no Tupinambá e ocorre no Nheengatu do século XXI, no Nheengatu do século XIX, a marcação de RECIPIENTE/BENEFICIÁRIO extralocutivo, é feita pela posposição *çupé*⁵, como exemplificado em (13) com sintagma nominal pleno, em (14) com pronome de terceira pessoal plural⁶, e em

(15) com prefixo de terceira pessoa singular.

- (13) *u-pececa* *tupaçama* *u-meen* *cunhambyra* *çupé*.
 3A-pegar corda 3A-dar mulher DAT
 Pegou uma corda e deu à **mulher**. (BARBOSA RODRIGUES, 1890, p. 43)⁷

- (14) *Corupira* *ai* *in* *aitá* *çupé*
 Corupira (?) dizer 3PL DAT
 ‘O Corupira (?) disse para **eles**’ (BARBOSA RODRIGUES, 1890, p. 53)

- (15) *Parauá,* *paá* *u-nhenhê* *ichupé:*
 Papagaio REP 3-dizer 3:DAT
 ‘O papagaio, dizem falou-**lhe**’. (BARBOSA RODRIGUES, 1890, p. 55)

Os participantes intralocutivos, por sua vez, são em geral marcados no Nheengatu do século XIX pela forma *arama*, como ilustrado em (16) e (17). A forma *arama* funciona nessa língua como um subordinador de finalidade que pode ser combinado a predicados nominais, como em (16) e (17), e também a predicados verbais, como em (18).

- (16) *Arami* *cha-çu* *cha-pececa* *indé* *arama*.
 Então 1SG.A-ir 1SG.A-pegar 2SG SUB

⁵ Neste trabalho, utilizaremos a grafia original, utilizada no século XIX.

⁶ As formas prefixais de terceira pessoa plural são uma inovação do Nheengatu em relação ao Tupinambá. Para um estudo a respeito da gramaticalização dessas formas como resultado de contato linguístico, v. Cruz (2015).

⁷ Nos dados provenientes de Barbosa Rodrigues (1890) elaborou-se uma glosa adaptada.

‘Então eu vou pegar para ti. [Lit.: Então, vou pegar para ser de você] (BARBOSA RODRIGUES, 1890, p. 44;)

- (17) *Orandé* *cha-mucameen* *penhen* *arama*
Amanhã 1SG.A-mostrar 2PL SUB

péroca *pe-çu* *arama*
caminho 2PL.A-ir SUB

Amanhã eu mostro **para vocês** o caminho para vocês irem para casa. (BARBOSA RODRIGUES, 1890, p. 53)

- (18) *Re-meen* *iuêre* *cha-ú* *arama* *ne- peá?*
2SG.A-dar também 1SG.A-comer SUB 2SG.NA-coração
‘Tu das também teu coração **para eu comer?** (BARBOSA RODRIGUES, 1890, p. 36)

- (19) *Cu-çuçui,* *ce-ramunha* *y* *re-u* *arama*
DEM-ABL 1SG.NA-avô água 2SG.A-beber SUB
‘Aqui está, meu avô, água para você beber’. (BARBOSA RODRIGUES, 1890)

Ainda que no Nheengatu do século XIX, a marcação de participante intralocutivo, com papel temático de RECIPIENTE/BENEFICIÁRIO, seja comumente marcada pelo subordinador *arama*, como ocorre em (16) e (17) acima, também há registros, nessa variedade, de participante intralocutivo marcado pela forma *supe*, como exemplificado em (20) abaixo.

- (20) *ce-putare* *pirá,* *taira* *etá,* *yá-çu* *ce-irumo* *áé*
2SG.NA-desejar peixe filho PL 1PL.A-ir 1SG.NA-COM DEM

cui *mime* *ipaua-miry* *cha-pecêra* *(u)arama* *penhen-çupe*
agora longe lago-DIM 1SG.A-pegar SUB 2PL-DAT

Vocês querem peixe, meninos, vamos comigo ali no laguinho para eu pegar para vocês. (BARBOSA RODRIGUES, 1890, p. 53; glosa e tradução adaptadas)

É possível observar uma variação na forma de marcação do terceiro participante intralocutivo ao se contrastar os dados (16) e (17) com o dado em (20). A combinação de pronomes pessoais de primeira e segunda pessoa com a posposição *supé*, como em (20),

pode ser considerada uma forma conservadora do Nheengatu oitocentista, uma vez que a forma ocorria no Tupinambá. No entanto, nos registros de Barbosa Rodrigues (1890), essa construção parece estar em desuso, uma vez que ocorre em apenas um dado em um total de 13 narrativas investigadas. De fato, a construção em (20) desapareceu no Nheengatu do século XXI, tornando-se agramatical. Em seu lugar, encontra-se apenas a construção formada por pronome livre combinado ao subordinador de finalidade *arama*, exemplificada em (16) e (17).

2.3 A expressão da expectativa: a combinação entre dativo e subordinador

No Nheengatu do século XIX, observa-se ainda que as duas formas, *çupé* e *arama*, podem ocorrer juntas, expressando gramaticalmente a função de dativo, ou seja, são posições que indicam atribuição, como nos exemplos (21) e (22).

(21) *Cuema* *aramé* *paá,* *u nhenhê* *aitá* *çupé* *arama:*
Manhã quando REP 3.A-falar 3PL DAT SUB

"pe-uité *ce-remiareru"*
2PL-descer SG-netos.

‘Quando amanheceu, dizem que eles falam para vocês “desçam meus netos”.’
(BARBOSA RODRIGUES, 1890, p. 49)

(22) *Achii* *yepé* *payé* *u-cenôe* *tuichaua* *étá* *u-nheeng* *çupé*
(?) INDF pajé 3-chamar chefe PL 3-dizer DAT

arama: *Ce-remiareru* *etá,* *penhen* *te-* *pépecica* *pirayua*
SUB 1SG,NA-neto PL 2PL IMP.NEG pegar piraiba.

‘Ai o pajé chamou os chefes e disse a eles: Meus netos, não peguem piraiba. (p. 49).

É possível observar que a expressão *çupé arama* ocorre em situações com verbos de enunciação, geralmente nas narrativas que expressam discurso direto. Nota-se que nas ocorrências de construções com a expressão *çupé arama*, ocorrem verbos de enunciação, tais como: *dizer*, *contar*, *chamar*, *falar*. Pode-se observar, nas ocorrências da combinação *çupé arama*, que o narrador menciona um participante extralocutivo, que por sua vez, dá voz a outrem. Daí esses termos, juntos, parecem “engatilhar” semanticamente um valor de

ênfase dada à autoria do discurso. É possível perceber a noção de “transferência” presente no ato discursivo, quando se dá voz à terceira pessoa no ato enunciativo, como se o locutor quisesse enfatizar que o discurso pertence a outrem. Quem relata o fato, o põe sob a responsabilidade de quem o contou antes. Nota-se que a ideia de transferência está presente.

Em toda a obra *Poranduba Amazonense*, foram encontradas apenas cinco ocorrências de *çupé arama* juntos na sentença, e na grande maioria dos casos, isto é, em quatro casos, a expressão aparece com *verbos de enunciação*, e em apenas um caso o termo se apresenta com o *verbo dar*, prototípico de transferência. Isso poderia indicar que a junção de *çupé* e *arama* começou a ocorrer nessa língua pelos verbos de enunciação.

Verificada a pouca ocorrência do *çupé arama*, em relação à manifestação da posposição *supé* e do subordinador *arama* de forma isolada, considera-se que a combinação das duas formas estava emergindo no século XIX, uma vez que ocorre frequentemente no século XXI como forma de indicar expectativa de que o elemento transferido (seja um ato comunicativo ou um objeto) tenha impacto nos eventos futuros. Para fundamentar essa hipótese, será necessária futuramente uma investigação em outros documentos do século XIX e em documentos anteriores a esse período.

Considerações Finais

Ao considerar a variedade linguística do Nheengatu no século XXI, Cruz (2011, 2014) verificou que a língua apresenta cisão de dativo na marcação dos participantes intralocutivos e extralocutivos ao discurso, em construções com três participantes. A cisão se dá pelo fato de haver duas formas de expressão do terceiro participante: pela posposição *supe* que indica o RECIPIENTE ou BENEFICIÁRIO quando se trata de pessoas extralocutivas, e pelo subordinador *arã* quando faz referência às pessoas intralocutivas.

Nos dados do século XIX analisados, constatou-se que também existem duas formas de indicar o terceiro participante: pela posposição *çupé*, posposição mais conservadora da língua, usada desde os registros do século XVI para expressar o terceiro participante, e que no século XIX começa a restringir-se para marcar apenas participantes extralocutivas, uma vez que para marcar as pessoas intralocutivas começa a ser utilizado o subordinador *arama*. Trata-se da emergência de uma cisão na marcação do dativo, dependendo do contexto no qual se dá o ato comunicativo.

Verificou-se que a cisão se dá da seguinte configuração: a posposição *çupé* (com sua variação pronominal *ichupe*) aparece na função de dativo nas construções com pessoas

extralocutivas, e o termo mais recorrente nos dados pesquisados é a posposição *arama*. Ainda que, na maioria das vezes, sua função seja a de subordinador, ela se manifesta também como dativo nas construções com pessoas intralocutivas. A posposição apresenta ainda outro uso distinto dos demais. Em frases interrogativas, sendo que nesse caso, sua função não é nem de dativo, nem de subordinador. Este poderia ser um fator de inovação da língua, entretanto, esse deverá ser um novo tema de pesquisa, que está além dos limites deste trabalho.

Foram catalogadas, ainda, ocorrências de dativo com a manifestação das duas posposições “*supe arama*” juntas na oração. Esse poderia ser considerado um “fator surpresa” nessa variedade linguística, pois esse termo não teria ocorrido em registros mais antigos da língua, embora sejam necessários mais critérios para tal afirmação.

Diante dos dados bibliográficos analisados e considerando como propósito deste trabalho a análise dos dados da variedade de Nheengatu falada no século XIX para verificar quando teria emergido a cisão na marcação de dativo, presente na variedade linguística do século XXI, constatou-se que a referida cisão na marcação dos participantes discursivos já ocorria naquela época e, portanto, deve ter ocorrido antes, ou seja, no século XVIII ou ainda anteriormente.

Nos dados analisados, constatou-se que expressões linguísticas presentes na variedade do Nheengatu do século XIX não são mais possíveis no século XXI. Verificou-se também que a variedade do século XIX apresenta termos que não teriam sido registrados no Tupinambá do século XVI, fator que corrobora para afirmar que essa variedade da Língua Geral Amazônica estaria em variação em meados do século XIX.

Toda língua sofre constantes transformações (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006) seja nos processos diacrônicos ou conforme suas relações de contato, que ocasionam variações fonológicas e/ou morfossintáticas. Dessa forma, as investigações a respeito da linguagem e da natureza variável das línguas, podem resultar numa relação intrínseca com a estrutura social e as necessidades comunicativas dos falantes, na construção de sua identidade social.

Este trabalho contempla um tema cuja amplitude, complexidade e dimensões sobrepujam os limites desta obra, cujo propósito é evidenciar uma das facetas da heterogeneidade que o tema apresenta. Destarte, esse assunto pode e deve ser fruto de pesquisas e investigações futuras, no intuito de melhor compreender os processos morfossintáticos que ocorreram na língua, desde o Tupinambá com o qual os colonizadores se depararam ao chegar à costa brasileira, até a variedade moderna do Nheengatu, a “língua boa” falada no século XXI.

Referências

ANCHIETA, Joseph. *Arte da gramática mais usada na costa do Brasil*. 1595. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/biblio:anchieta-1595-artef>. Acesso em: 09 jun. 2015.

BESSA FREIRE, José Ribamar. Rio Babel. *A história das línguas na Amazônia*. Rio de Janeiro: Atlântica, 2005.

BARBOSA RODRIGUES, João. 1890. *Poranduba amazonense, ou kochiyma-uaraporandub*, Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/biblio:rodrigues-1890-poranduba>. Acesso em: 13 fev. 2014.

CASSEB-GALVÃO, V. C. *Roteiros de Aulas*. Apostila de sintaxe do Português. UFG. 1º semestre, 2013.

CRUZ, Aline da. *Fonologia e Gramática do Nheengatú*. A língua geral falada pelos povos Baré, Warekena e Baniwa. 2011. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Livre de Amsterdam, Amsterdam, 2011.

_____. Cisão Morfológica em Construções Bitransitivas em Nheengatu. *Revista Signótica* – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás, v. 26, n 2, p. 265-285, jul./dez. 2014. DOI 10.5216/sig.v26i2.30004

FIGUEIRA, Luís. *Arte da Língua Brasileira*. 1621. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/biblio:figueira-1621-arte>. Acesso em: 23 maio 2014.

MALCHUKOV, A. L.; HASPELMATH, M.; COMRIE, B. *Ditransitive constructions: a typological overview*. 2007. Disponível em: http://www.keel.ut.ee/sites/default/files/www_ut/4-ditransitiveoverview.pdf. Acesso em: 05 ago. 2014.

RODRIGUES, Aryon D'Alligna. *Línguas brasileiras - para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo. Loyola. 1986.

STRADELLI, Ermano. Vocabulário da língua geral português-nheengatu e nheengatu-português, precedidos de um esboço de gramática nheenga-umbuê-sáua. *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, Tomo 104, v. 158, p. 9-768, 1929. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/biblio:stradelli-1929-vocabularios>. Acesso em: 24 jun. 2014.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística*. São Paulo: Parábola. 2006.

ALINE DA CRUZ

Bacharel em Linguística e Letras-Português pela Universidade de São Paulo (2003), mestre em Linguística pela mesma universidade (2005). Doutora em linguística pela Universidade Livre de Amsterdam. Realizou estágio pos-doutoral em Indigenous Heritage, na Faculdade de Arqueologia, da Universidade de Leiden. Atualmente, é professora adjunta da Universidade Federal de Goiás (UFG), onde atua na Licenciatura em Educação Intercultural do Núcleo Takinahaky de Formação Superior Indígena.

Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/4931264307365579>

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-0448-3137>

E-mail: aline.da.cruz@live.com

DEUSENI MIRANDA DE FARIAS

Graduada em Letras pela Universidade Federal de Goiás (UFG).

Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/1490655338500928>

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-3836-0207>

E-mail: deusamiranda30@gmail.com